

3. Preâmbulo à entrevista com Simone Schwarz-Bart

Vanessa Massoni da Rocha

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROCHA, V. M. Preâmbulo à entrevista com Simone Schwarz-Bart. In: *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2021, pp. 33-37. Letras UERJ collection. ISBN: 978-65-991111-5-0. <https://doi.org/10.7476/9786599111150.0003>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

3.

Preâmbulo à entrevista com Simone Schwarz-Bart

Niterói, 21 de setembro de 2017, quinta-feira

Depois de alguns desencontros e conversas telefônicas, recebo a seguinte mensagem:

“Simone Schwarz-Bart pediu-me para enviar as respostas às suas perguntas.

Cordialmente, Élie Duprey.”

Élie Duprey nasce em 1990, em Paris, onde se forma em História das Relações Internacionais. Ele se muda para Guadalupe em 2012 e se torna assistente de Simone Schwarz-Bart para a publicação dos manuscritos inéditos do Ciclo antilhano. Trabalha com a escritora nas obras *L'Ancêtre en Solitude* e *Adieu Bogota*, publicadas, respectivamente, em 2015 e 2017. Em 2017, retorna para Paris, continuando, todavia, a trabalhar com a escritora. É autor de vários artigos de refe-

rência sobre André Schwarz-Bart e vice-presidente da Associação Maison Schwarz-Bart.

Não era a primeira vez que me deparava com o nome de Élie. Reconheci seu nome nos agradecimentos dos mais recentes romances da autora. Avesa ao mundo da tecnologia, Simone Schwarz-Bart retorna à cena literária, após 25 anos de silêncio artístico, da maneira mais crioula possível: assume o papel de contadora de histórias e dita para Élie as narrativas que se imbricarão na composição dos romances. Reinventa o ritual africano da contação de histórias, na qual os mais velhos compartilham com os mais jovens a herança dos mitos, lendas e canções que povoam a cultura antilhana em seu mosaico identitário.

O procedimento narrativo foi o mesmo acolhido no romance *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, no qual a protagonista e narradora Télumée conta, no jardim de casa, na véspera de sua morte, histórias de quatro gerações da sua família. Por sua vez, Télumée foi formada por sua avó Toussine, conhecida como Reine Sans Nom [Rainha Sem Nome], assim definida pela neta: “as histórias estavam arranjadas nela como páginas de um livro, ela nos contava cinco a cada quinta-feira, mas a última era sempre a mesma, o conto de um homem que queria viver pelo olfato” (Schwarz-Bart, 1986, p. 71). Ao partilhar toda a gama de histórias que deseja, a narradora-contadora de histórias parece ter cumprido seu papel, e pode, finalmente, descansar:

Como lutei, outros lutarão e, por muito tempo ainda, as pessoas verão a mesma lua e o mesmo sol, e contemplarão as mesmas estrelas, e nelas verão, como nós, os olhos dos defuntos. Já lavei e enxaguei as roupas que quero sentir sob o meu cadáver. Sol alto, sol posto, os dias escorrem, e a areia que a brisa soergue há de encalhar a minha barca, mas vou morrer aqui, como estou, de pé, no meu quintal, que alegria!...

(Schwarz-Bart, 1986, p. 235)

Nesse sentido, o crítico guianense Bertène Juminer (1994, p. 132) reitera que a figura materna era “fonte de um discurso ambivalente e mágico destinado à linhagem” e define a matriarca como “vestal guardiã da casa, portadora exemplar de ontem e de amanhã pela eloquência de seus *ditos* elucidativos e de iniciação”. A voz feminina personifica os valores da oralidade tão caros à identidade antilhana. Ela reivindica o poder de contar, de transmitir, de reunir um público ouvinte, para, à luz das *griottes* africanas, demonstrar a pulsão de vida que advém do encontro, da reunião, da escuta atenta e de um tecer coletivo de histórias que singularizam determinado povo, contribuindo fortemente para seu delineamento cultural e identitário.

No prefácio do livro *L'Ancêtre en Solitude*, Simone Schwarz-Bart (2015c, p. 15) explica amiúde a presença de Élie Duprey na retomada do Ciclo antilhano quando da descoberta de manuscritos que André afirmava ter destruído:

O desejo de escrever me invade, e eu me encontro numa espiral infernal de tempos diversos. Mas um obstáculo de grande dimensão plana sobre todo o projeto e me paralisa. A maior parte desses fundos é manuscrita, e eu não digito nem com um dedo. Há milhares de páginas, estou submergida pelo tamanho da tarefa, e, talvez, esses escritos permaneceriam ainda letra morta sem a ajuda muito preciosa de Élie Duprey.

Esse brilhante rapaz me propõe então estar ao meu lado, na Guadalupe, para trabalhar pela publicação. Ele troca Paris pelo escritório-biblioteca de Goyave, lendo, dia após dia, relendo, digitando, discutindo, reatualizando todo esse trabalho perdido e reencontrado.

Nas páginas finais do romance *Adieu Bogota*, a autora (2017, p. 267) agradece a Élie Duprey “por sua fiel assistência”, recordando que “sem jamais mostrar impaciência, ele soube remediar minha paralisia diante do teclado, digitando e redigindo, muitas e muitas vezes,

conferindo, por seu interesse, sua espera apaixonada, sua juventude, uma atemporalidade a esse trabalho”.

Eis que se completa minha empreitada antilhana cujos interlocutores foram Bernard-Simone-Élie. Por sugestão de Simone, com quem falei algumas vezes por telefone, envie por e-mail as perguntas da entrevista para seu filho, Bernard Szwarcbart. Bernard imprimiu as perguntas e entregou-as para a mãe, a quem se refere pelo apelido de Sissi. Simone, por sua vez, pediu ajuda de Élie para registrar as respostas que ele mesmo se encarregou de me enviar. E assim Simone me apresenta, dada sua resistência digital – ela não possui nem mesmo endereço de e-mail –, ao mundo da família, da amizade e do trabalho a múltiplas mãos. Acaba por inserir minha entrevista na dinâmica que coloca em prática quando da retomada do Ciclo antilhano e do reencontro com a arte de contar histórias.

A entrevista se realizou à distância, após um duplo desencontro. Iniciei em julho de 2017 um período de cooperação na Université des Antilles, no âmbito do meu pós-doutoramento em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob supervisão da professora Maria Cristina Batalha. Durante minha curta presença no arquipélago antilhano, Simone estava em Paris. Em novembro do mesmo ano, estive em eventos acadêmicos em Paris, mas Simone já havia retornado ao Caribe. Minha história com Simone, perdoem-me o desvio biográfico, mostra-se repleta de desencontros insólitos. Em 2015, minha amiga Vânia Vasconcellos esteve com Simone Schwarz-Bart numa feira do livro em Caiena, capital da Guiana Francesa. Na ocasião, comprou várias obras de Simone, que foram dedicadas gentilmente a mim pela escritora. Foi nessa ocasião, como mencionei nos agradecimentos, que falei por telefone com a escritora pela primeira vez. Quando retornou de viagem, Vânia postou uma caixa para mim em uma agência dos Correios de sua cidade natal, Porto Velho, em Rondônia. A caixa foi extraviada. O último registro dos Correios indica a chegada do malote em Mato Grosso. Vânia reali-

zou procedimentos formais de reclamação pelo extravio junto aos Correios. Em vão. A caixa, tampouco os livros autografados, nunca foi localizada. Como prêmio de consolação, ou como marcas de uma ausência sentida, tenho fotografias das dedicatórias tiradas por minha amiga e enviadas a mim por aplicativo de mensagens instantâneas, ainda em Caiena.

Em meus contatos à distância com Simone Schwarz-Bart, não encontrei uma escritora que planeja sua carreira, que vai de bom grado a eventos e salões de livros, que se esmera em atender prontamente leitores e pesquisadores. Encontrei uma mulher de voz trêmula, pausada e carinhosa, fortemente engajada na ajuda às vítimas dos furacões que atingiram em setembro de 2017 diversas ilhas caribenhas e deixaram atrás de si um cenário de destruição. Descubri uma escritora que aposta no coletivo, que expressa a “solidariedade-mundo” vislumbrada por Patrick Chamoiseau a partir das lições de Édouard Glissant acerca da Poética da Relação e da Antilhanidade. Desde o primeiro momento, ela se mostrou disponível, generosa e cordial, sem deixar de assumir uma postura prática: falava pouco, respondeu de maneira econômica às perguntas, parecendo valorizar e buscar certo anonimato, apesar da relevância de sua obra no cenário contemporâneo. Simone preza pela humildade, recusa rótulos, minimiza prêmios e se despe de toda e qualquer vaidade literária. Ao contrário, parece transformar sua escrita num convite a encontros e ao tecer de laços de afinidade nas mais diversas searas. Vislumbra a entrevista como uma oportunidade para enaltecer seus tradutores e revelar sua predileção pela escrita do escritor brasileiro Jorge Amado. Ao invés de falar de si, prefere homenagear o outro, trazê-lo para o espaço do texto. E assim caminha Simone Schwarz-Bart, com a simplicidade que só os verdadeiros grandes escritores podem demonstrar. Tal como sua personagem mais célebre, *Télumée Miracle* (Milagre), privilegia seu jardim e seu quintal, reconhecendo-os como seus lugares ao sol, seus espaços de anonimato e liberdade criadora.